

---

## **REFLEXÕES ACERCA DA REALIZAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ABERTAS EM POSIÇÃO PRETÔNICA EM CONTEXTO DE DERIVAÇÕES**

Juscelia Silva Novais Oliveira\*  
(UESB)

Marian Oliveira\*\*  
(UESB)

Vera Pacheco\*\*\*  
(UESB)

### **RESUMO**

Este ensaio tem como objetivo fazer algumas breves reflexões a respeito da realização das vogais médias abertas pretônicas [ɛ, ɔ] em palavras primitivas e derivadas, tomando como referência o quadro vocálico proposto por Câmara Jr. (1970) para o Português do Brasil, que não possui vogais médias baixas em posição pretônica, porque essas são neutralizadas em favor da média alta. Para tanto, serão apresentados, brevemente, alguns estudos a cerca dessas vogais em contexto não previsto para o Português do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fonética, Vogais Médias, Derivação.

---

\* Aluna do curso de pós-graduação Mestrado em linguística – bolsista Fapesb

\*\* Doutora em Linguística - coorientado

\*\*\* Doutora em Linguística - orientadora

## INTRODUÇÃO

As vogais médias pretônicas /e/, /o/, /ɨ/, /ɔ/ são objeto de estudo de muitos linguistas no Brasil. Tal interesse deve-se ao fato de ocorrerem em diversas regiões brasileiras diferentes realizações fonéticas para essas vogais em contextos nos quais elas não são previstas para o Português do Brasil (PB), dentro da proposta de Câmara Jr. (1970).

O quadro vocálico proposto por Câmara Jr. (1970) nos contextos tônico, pretônico e postônico é o ponto de partida dos estudos das vogais no PB. O autor descreve o sistema vocálico do PB com base no dialeto carioca. Partindo da posição tônica, o linguista propõe um quadro vocálico composto por sete vogais, que são reduzidas a cinco em posição pretônica, a quatro na postônica e a três na átona final. Essa redução do número de vogais deve-se à neutralização das vogais médias abertas em favor das médias fechadas, na posição pretônica, e da neutralização entre as médias abertas e as fechadas em proveito dessas na posição postônica.

Diferentemente do que foi observado por Câmara Jr. (1970), para o falar do Rio de Janeiro, a realização fonética das vogais médias abertas em posição pretônica é abundante em outras regiões brasileiras, como constata, por exemplo, os trabalhos de Oliveira; Pacheco (2006), na cidade de Vitória da Conquista – BA; Célia (2004), na cidade de Nova Venécia – ES. É categórica, na maioria desses trabalhos, a explicação pelo processo de harmonia vocálica, para a variação do tipo “pr[ɔ]j[ɨ]to”, em que a vogal assimila o traço de abertura da vogal seguinte.

Câmara Jr. (1970), no entanto, assinala para o dialeto por ele investigado, um ambiente pretônico em que ocorrem as vogais médias abertas. De acordo com o autor, em palavras derivadas pelo processo de sufixação, é mantida, na sílaba pretônica, a vogal média aberta da

---

palavra primitiva como em caf[ɔ]/caf[ɔ]zinho. No entanto, o mesmo não ocorre com b[ɔ]lo/b[e]leza. Nesse caso, a palavra derivada não conserva na sílaba átona a qualidade vocálica da vogal tônica da palavra primitiva. Evidencia-se, portanto, que, no processo de derivação por sufixação, há sufixos que obrigam a permanência do timbre vocálico da vogal média tônica, enquanto que outros inibem essa manutenção.

Diante disso, este trabalho tem por objetivo fazer uma breve reflexão dos contextos de realização das vogais médias em posição pretônica em derivações. Buscando compreender por que alguns sufixos permitem e outros não a permanência da qualidade vocálica da palavra primitiva na derivação. Será dada atenção somente a derivações por sufixação.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Para a realização do presente trabalho foi feita uma revisão de literatura com o objetivo de buscar informações acerca da questão analisada, ou seja, a realização das vogais médias /e/, /o/, /ɔ/, /ɔ̃/ em posição pretônica em contexto de derivação. Buscou-se compreender as explicações que os autores Câmara Jr. (1970) e Cagliari (2002) dão para o aparecimento dessas vogais em contexto não previsto para o Português do Brasil. Como também foram feitas leituras de estudos referentes à realização das vogais médias em posição pretônica de diferentes regiões do Brasil. As realizações das leituras serviram como base para as análises dos dados.

Como se trata de um estudo piloto, foi feito um levantamento informal de palavras derivadas que mantém na sílaba átona vogais médias abertas como em caf[ɔ] /caf[ɔ]zinho, f[ɔ]sta/f[ɔ]stinha e chin[ɔ]lo/chin[ɔ]lão, bem como palavras derivadas que não mantém a abertura vocálica da vogal tônica, como mostram os exemplos b[ɔ]lo/

b[e]leza, P[ɔ]rta/p[o]rtaria e f[ɔ]sta/f[e]steiro. As palavras foram organizadas em quadros e separadas por sufixos que permitem a permanência do timbre vocálico, e por sufixos que bloqueiam a permanência da qualidade vocálica.

Após o levantamento das palavras, foram feitas algumas reflexões visando uma perspectiva de análises futuras.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro vocálico de posição pretônica proposto por Câmara Jr. (1970) para o PB não possui vogais médias abertas (VMA), porque essas são neutralizadas em favor das vogais médias fechadas (VMF). Câmara Jr. (1970) aponta, contudo, que essas vogais podem aparecer em uma posição átona. Segundo o linguista, VMA, que ocupa o núcleo da sílaba tônica da palavra primitiva, em alguns casos de derivação sufixal, permanece na sílaba átona como em. caf[ɔ]/caf[ɔ]zinho.

Para explicar tal ocorrência, Câmara Jr (1970) parte da hipótese de que o PB possui uma pauta acentual para cada vocábulo. Essa pauta acentual prevê que as sílabas pretônicas não são tão fracas quanto as sílabas postônicas. Assim, a proposta de pauta acentual do linguista é a 1 3 0, em que o acento 3 recai sobre a sílaba de maior tonicidade, a pretônica possui grau de tonicidade 1, menor que a tônica e maior que a postônica. Além disso, para Câmara Jr. (1970), há vocábulos que possuem um acento intermediário entre 3 e 1, um acento de grau tipo 2. São casos de vocábulos sem pausa, como nos chamados grupos de força, nos quais as sílabas tônicas que antecedem o último vocábulo baixam a uma intensidade 2.

Partindo das regras de escrita da época em que apresentou essa proposta, o linguista lembra que a presença do acento de grau 2 pode ser observada nos advérbios de modo em -mente, em que a intensidade

2 é muitas vezes assinalada graficamente, a exemplo de *sòmente*, em que marcava-se a tonicidade 2 da VMA.

De acordo com Cagliari (2002), ocorre, nesses casos, um acento secundário, o que permite o aparecimento da VMA na sílaba átona que, por sua vez, se torna uma sílaba átona atípica.

Assim, partindo da proposta de Cagliari (2002), as VMA em sílabas pretônicas incidem somente em palavras derivadas, nas quais a sílaba tônica de sua palavra primitiva possuía em seu núcleo uma VMA. Na palavra derivada, essa VMA ocupa, portanto, uma segunda sílaba tônica.

De acordo com o que apresentam Câmara Jr. (1970) e Cagliari (2002), pode se concluir, então, que as VMA têm ocorrência garantida somente em contextos de tonicidade, seja por um acento primário ou secundário.

Conforme Silva (2003), as VMA aparecem em derivações que apresentam os sufixos {-mente}, {-inho}, {-zinho} ou {-íssim} e quando, nos radicais, elas estiverem na posição tônica. Para a autora, a ocorrência VMA em posição pretônica deve-se a alguns sufixos.

{-íssim}	{-inh}	{-mente}	{- zinh }
s[ ]ria/s[ ]rí ssima	m[ɔ]le/m[ɔ] linho	C[ ]rto/c[ ]rta mente	Jacar[ ]/jacar[ ] Zinho

Quadro 1 – Palavras derivadas com os sufixos {-mente}, {-inho}, {-zinho} ou {-íssim}

Estudo realizado por Faggion (2006) acerca das derivações com os sufixos {-inho} e {-zinho} mostra que, na região de Colonização Italiana da Serra Gaúcha, os sufixos diminutivos não bloqueiam a neutralização vocálica, uma vez que, nesse lugar, a VMA pode se tornar VMF, como

em col[e]guinha, da mesma forma que pode se tornar uma VMF, como em s[u]zinho.

Já os resultados do trabalho realizado por Zani (2009) sobre o Alçamento das vogais da cidade de São Paulo mostram que os sufixos {-inho} e {-zinho} bloqueiam o processo de alçamento, como em chul[ ]zinho. A autora aponta que as VMF também são neutralizadas em favor das médias abertas no processo de derivação com aumentativos, como se comprova nos exemplos seguintes: Cad[ ]rno/Cad[ ]rnão, caf[ ]/caf[ ]zão, b[ɔ]la /b[ɔ]lão e f[ ]sta / f[ ]stão.

Em alguns casos de derivação o acento lexical pode dar conta de explicar a permanência do timbre vocálico na sílaba átona, como no exemplo b[ɔ]la /b[ɔ]lão. Quando se diz b[o]lão, por exemplo, está sendo dito uma outra coisa que não seja b[ɔ]lão, por isso essa palavra não pode ser dita com uma VMA.

Alguns sufixos, no entanto, quando acrescentados à palavra, durante o processo de derivação, neutralizam as VMA, que se tornam VMF. A palavra derivada não conserva na sílaba átona a qualidade vocálica da vogal tônica da palavra primitiva. Veja exemplos no quadro abaixo:

{-eza}	{-eir}	{-ria}	{-zal}	{-ada}
b[ ]l a/ b[e]leza	F[ ]sta/ f[e]steiro	caf[ ]/ caf[e]teria	caf[ ]/ caf[e]zal	cad[[ ]]rno/ cad[e]rnada

Quadro 2 – Sufixos que bloqueiam o abaixamento

Observa-se, assim, a partir do estudo realizado, que no PB há uma flutuação quanto à abertura do timbre vocálico dessa vogal em

---

derivação, visto que em algumas regiões a VMA pode se tornar VMF como em col[e]guinha, ou uma vogal fechada como em s[u]zinho, diferente de dialetos baiano que mantém a abertura da vogal tônica col[ɔ]guinha.

Diante do exposto acima, o trabalho apresenta as seguintes questões? a) Porque alguns sufixos, no processo de derivação, permitem que a vogal mantenha o timbre vocálico que apresentava na palavra primitiva e outros não? b) A explicação dada por Câmara Jr. (1970) da existência de um acento de grau 2 dá conta de explicar todos os casos? c) A posição do acento na palavra primitiva traz alguma influência para o timbre dessas vogais na palavra derivada?

Estas e outras questões que surgirão no decorrer dos estudos impulsionarão as análises futuras.

## **CONCLUSÕES**

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre quais são os contextos de realização das vogais médias abertas em posição pretônica em palavras derivadas. Buscou-se compreender por que alguns sufixos obrigam a ocorrência da vogal média aberta em posição pretônica e outros inibem, tal como em c[ɔ]rto/c[ɔ]rtinho e não \*c[ɔ]rteza.

Foi possível observar, a partir do estudo realizado, que no PB há uma flutuação quanto à abertura do timbre vocálico dessa vogal em derivação, visto que em algumas regiões a vogal média pode se tornar vogal média fechada como em col[e]guinha, ou uma vogal fechada como em s[u]zinho, ou ainda mantém a abertura da vogal tônica col[ɔ]guinha.

Por fim, as vogais médias abertas comportam-se de modo diferenciado no Português do Brasil, por isso é necessário que continuem sendo feitos estudos detalhados sobre os contextos de realização dessas vogais, de modo que colaborem com os estudos fonéticos e fonológicos do PB.

---

## REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, Luiz Carlos. **A metrificação poética na visão de um foneticista..** 2001 (ms).
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Acento em Português. – **Série Lingüística**. Vol. 4. Campinas, SP, 1998.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 10<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1980. Edição original: 1970.
- FAGGION, Carmen Maria. **Harmonia vocálica com -inho e -zinho, uma marca dialetal específica**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 4, n. 7, agosto de 2006. ISSN 1678-8931 [[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)].
- SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercício/** Thaís Cristóforo Silva. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2003.
- ZANI, Juliana Camargo. **O processo de Alçamento das Vogais médias pré-tônicas no falar de São Paulo**. Tese (Mestrado em Letras) – Universidade de São, 2009.